

# Sarney dá prioridade à política e consolida apoio à Nova República

Brasília — Conhecido por suas posições radicais, o Deputado Francisco Pinto (PMDB-BA) se impressionou quando, na terça-feira passada, o Presidente interino José Sarney tirou do bolso do paletó uma caneta e anotou as sugestões que ouvia sobre a necessidade de promover mudanças sociais. "Sem reformas, teremos convulsão e a volta do regime militar", ditou Chico Pinto.

"Não esperava tamanha atenção. Fiquei muito satisfeito", reconhece Chico Pinto, que foi preso durante o Governo Geisel por suas críticas ao regime militar chileno. Em seu período de interinidade, que amanhã completa um mês, Sarney estabeleceu como prioridade dar atenção aos políticos, preocupado em manter sua base de sustentação da Presidência da República. Nenhuma medida importante foi tomada sem que antes fossem ouvidas as principais lideranças da Aliança Democrática.

## Especialistas em acordos

Ao final de um mês, Sarney conseguiu, de fato, uma façanha: alargar seu arco de apoios no Congresso. "Mesmo fora de cena, Tancredo Neves cumpriu mais essa missão conciliatória", analisa o Deputado Thales Ramalho (PFL-PE). Não apenas a Aliança Democrática reafirmou seu apoio, contendo parlamentares que questionavam a legitimidade de Sarney, como obteve-se a boa vontade do PT e do PDS.

Evidente que, para isso, entraram em ação os especialistas em acordos, como os Ministros Fernando Lyra, da Justiça, e Marco Maciel, da Educação, o líder do Governo no Congresso, Fernando Henrique Cardoso, e o presidente do PMDB, Ulysses Guimarães: "Daremos todo o nosso apoio à manutenção da estabilidade democrática", garante o líder do PDS, Prisco Viana.

"Se Sarney assumisse uma posição polêmica, a postura poderia estar comprometida", acredita o líder Fernando Henrique Cardoso. De fato, ao assumir a Presidência, Sarney ainda carregava a imagem de articulador dos governos anteriores. Não podia agir integralmente, preso à expectativa da volta do Presidente eleito Tancredo Neves. Era pressionado, por outro lado, por grupos interessados em fazer nomeações no Governo, em meio a expectativas de mudanças prometidas durante a campanha eleitoral.

"Ele entrou no meio de uma partida de xadrez, substituindo um dos jogadores", define o chefe do Gabinete Civil, José Hugo Castelo Branco. "Não quero promoção", determinava a seus assessores. Mas era preciso demonstrar que o país não estava parado e os fotógrafos foram chamados a registrar as audiências.

Agora, assessores do Palácio do Planalto exibem alguns números para desfazer a imagem de que a administração acompanhava apenas a doença de Tancredo Neves: até sexta-feira foram assinados 630 atos, 191 despachos com ministros e concedidas 231 audiências. Não é o suficiente ainda para alterar a imagem de paralisação. "Tancredo é insubstituível, mas preciso colocar em funcionamento a Nova República dele", disse Sarney a dois ministros de Estado, no sábado; dia 6, no Palácio do Jaburu.

## Elogios do PMDB

Durante essa conversa, que se alongou até às 23h30min, decidiu-se dar todo impulso ao programa de emergência. Esse programa já tinha sido encomendado à Comissão para Plano de Ação do Governo (Copag). O projeto, avaliado inicialmente em Cr\$ 15 trilhões, recebia forte oposição do Ministro da Fazenda, Francisco Dornelles.

No dia seguinte de manhã, o Presidente interino receberia um entusiástico elogio ao programa de emergência do líder do PMDB na Câmara, Pimenta da Veiga. Depois do encontro, Pimenta da Veiga articulou respaldo às medidas no PMDB. "Vou procurar até o PDS", informou.

Decidido a conter os gastos, Dornelles sucumbiu perante os políticos e o próprio Sarney todos atentos ao descontentamento que medidas restritivas poderiam causar no prestígio da Aliança. "O Dornelles vai ter de se reciclar", comentou um ministro próximo a Sarney. Ele por várias vezes disse: "Vou governar com o Congresso.

Com a procissão de políticos nordestinos ao Palácio do Planalto pedindo ajuda às vítimas das enchentes, Sarney marcou uma viagem a Fortaleza, São Luís e Teresina. Teve, porém, de adiá-la por causa do agravamento da saúde de Tancredo Neves. Mas, em conversa com o Ministro do Interior, Ronaldo Costa Couto, na quinta-feira à noite, determinou: "Não há limite de crédito".

O Presidente interino, porém, enfrentou o Congresso: nomeou Costa Couto para o governo do Distrito Federal, descontentando alguns senadores que queriam votar o nome, mas a lei garante ao Executivo nomear um Governador interinamente. De resto, Sarney vetou projeto aprovado no Congresso, criando o Estado de Tocantins. "Não há recursos para isso", justificou.

Esse veto fez com que Sarney recebesse um discurso irado do autor do projeto, o Deputado Siqueira Campos (PDS-GO), em plenário. Por sinal, o plenário da Câmara serviu como o melhor indicador do acordo que se formou em torno da Presidência da República. Além de Siqueira Campos, apenas o Deputado Agnaldo Timóteo (PDT-RJ) (que acusou Sarney de ser ilegítimo) falou mal do Presidente em exercício. Sem dúvida muito pouco para quem, há poucos meses, era presidente do PDS.

GILBERTO DIMENSTEIN

## Um Vice que queria dar importância ao cargo

Brasília — Em fevereiro, o Vice-Presidente José Sarney teve uma conversa franca com o Presidente eleito Tancredo Neves para delinear os limites do seu cargo. Sarney queria encerrar a tradição brasileira de os Presidentes da República cultivarem relacionamentos conturbados com seus vices. Ele disse a Tancredo que ia manter uma postura discreta e eficiente, mas não queria ser desconsiderado.

Quando Tancredo se recobrava de sua quarta cirurgia, há uma semana, numa conversa com o Deputado Jayme Santana (PFL-MA), Sarney refletia sobre a peça que o destino lhe pregava, colocando-o de surpresa no exercício de um cargo jamais esperado. "Você não tem tempo de treinar. Você está jogando e treinando ao mesmo tempo e, o pior, sem poder errar", disse-lhe Jayme Santana. "Sim, mas eu estou confiante. Tancredo ainda volta a governar", respondeu Sarney.

Na conversa de fevereiro entre Sarney e Tancredo Neves, aquele dissera que o relacionamento entre ambos, como dois intelectuais, tinha tudo para prosseguir bem. Até porque o vice se dispunha a ser um elo de manutenção da Aliança Democrática. A sua única preocupação, menos que influir na escolha do segundo escalão, era não ser apanhado de surpresa nessas escolhas.

Agora, confidenciou um amigo do Vice-Presidente, ele está tomando sedativos para dormir. Por conta da crise de hipertensão sofrida há quatro anos, continua tomando também um antidiástônico. Como isso não tem sido suficiente para relaxá-lo, Sarney tem escrito poemas no percurso de carro entre o Palácio do Planalto e sua casa, e também à noite, antes de dormir, quando repete outro ritual: chama os netos Rafaela e Sarneyzinho (ambos de quatro anos) para sua cama e inventa-lhes histórias. Em 10 minutos, as duas crianças estão dormindo. O avô, não.

Atende agora a 20 audiências por dia, recebe ininterruptamente as lideranças partidárias, trabalhando das 7h30min às 19h, com apenas uma hora para almoço. Mas o máximo que ambicionava, até a doença de Tancredo Neves, era dar maior peso ao cargo de vice. Havia lido uma vasta bibliografia sobre os Vice-Presidentes dos Estados Unidos, detendo-se sobretudo nas atividades de Walter Mondale, o vice de Jimmy Carter.

A rotina que ele esperava cumprir incluía despachos rotineiros pela manhã, no gabinete da Vice-Presidência no Banco do Brasil, e à tarde na Câmara dos Deputados. Paralelamente, pretendia trabalhar com acesso muito direto ao gabinete de Tancredo, funcionando como um conselheiro a nível pessoal. Dormindo agora não mais que cinco horas por dia, Sarney teve tão alterada sua vida que nem sabe se ainda vai lançar o livro *Dez Contos Selecionados*, que se encontra no prelo. Acha que não terá tempo para revisá-lo.

Leia editorial "Vencer a Inércia"